

Um quadro grave

Novas situações, como a queima dos ônibus, tornam a segurança pública um desafio cada vez maior no Estado

EDITORIAL

A violência na Grande Vitória atingiu características surpreendentes: ônibus incendiados em série, ou atacados a bala, e o Exército está nas ruas para conter essa onda de manifestação criminosa. É um quadro complexo. Novas situações vão se formando e demonstrando que os desafios à segurança física dos cidadãos, à preservação de patrimônios e à manutenção da ordem pública são maiores do que imaginados.

Sim, o Exército patrulha as ruas da Grande Vitória, deixando curiosa a população diante de um cenário nunca visto. Embora suscite polêmica, essa é a resposta que o Poder Público achou ser compatível para combater fatos de características absurdas.

Numa seqüência planejada foram atacados e incendiados dez ônibus, em bairros diferentes, mas quase ao mesmo tempo, enquanto um outro

coletivo foi fuzilado com uma saraiada de balas na Avenida Beira-Mar, próximo ao Bairro Jesus de Nazaré. E nem sequer são conhecidas as razões explícitas para essa orquestração criminosa. Apenas é perceptível que os atos não são descoordenados. Ao contrário, partem de um comando que parece ser unificado e que conta com bandidos bem treinados para as suas “paradas”.

Esse é um dos aspectos mais intrincados nas ocorrências criminais no Espírito Santo. É a possível vinculação com redes que estariam por trás de diferentes espécies de delitos. Isso torna o processo de investigação muito mais complexo, criando uma série de dificuldades para o deslinde de ações legais e a responsabilização dos reais culpados. Agora, o alvo da vez é o sistema

de transportes coletivos. Amanhã pode ser contra qualquer outra atividade.

As circunstâncias levam o sistema de transportes a uma série de dispendios, como a contratação de segurança particular e compra de equipamentos de segurança – entre eles, câmara de monitoramento, dispositivos de alarme e outros, para serem colocados nos ônibus. É uma busca de instrumentos de defesa semelhantes ao que vêm fazendo, há muito tempo, o comércio, os bancos, as indústrias, etc. Certamente, sem essas providências a vulnerabilidade a atos de violência será maior. No entanto, isso não garante um final resolutivo. Representa apenas um caminho auxiliar ao trabalho da segurança a ser exercido pelas forças estatais, conforme previsto na constituição.

A presença do Exército nas ruas tipifica uma situação de emergência.

Tanto assim que foram suspensas aulas no horário noturno, para proteger estudantes e professores usuários de ônibus. Porém, o mais impressionante é a crise na segurança ter chegado a esse ponto, não é o fato de se ter pedido ajuda emergencial às Forças Armadas – o que inclusive dá margem à exploração política.

De bom alvitre seria as autoridades policiais anunciarem medidas visando a transmitir segurança à população. Deve haver esforço das autoridades para evitar que se espalhe o medo dos dias que virão após a saída das tropas do Exército das ruas. Esse é apenas um passo emergencial. O clima é propício para que seja discutida e iniciada, com urgência, uma seqüência de novas atitudes visando à segurança pública. A participação interativa da população torna-se uma necessidade cada vez maior.

O pior não é o Estado apelar para que o Exército reforce o patrulhamento das ruas. É a violência ter chegado a esse ponto